

INTO THE WILD E "CAMINHADA" CONFLUÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Luiz Antonio Piesanti (UEMS)

piesanti@yahoo.com.br

Eliane Maria de Oliveira (UEMS/UFMG)

RESUMO

O presente trabalho propõe um diálogo entre a obra cinematográfica *Into the Wild*, traduzida para o português brasileiro como *Na Natureza Selvagem*, com o texto intitulado "Caminhando", de Henry David Thoreau. No que concerne à postura ideológica de Henry David Thoreau e à do protagonista do filme, Christopher McCandless – interpretado por Emile Hirsch –, verifica-se que, em muito, estas se assemelham. Chris é um admirador de Thoreau e adepto de seus ideais. No texto "Caminhando", Henry David Thoreau defende a comunhão do homem com a natureza. Para ele, só a partir da completa integração com esta, o homem poderia se tornar um indivíduo autônomo. O autor advoga em favor de uma vida desprovida de questões materiais, as quais, segundo ele, acabam por corromper as pessoas. Ele desafia o leitor a abandonar tudo que esteja ligado à rotina das cidades, para caminhar em meio à natureza intocável, em busca de uma "revolução espiritual". Para tal, o indivíduo deve deixar de lado o trabalho ditado pela rotina diária, a família, a política, entre outros valores tidos como pilares da sociedade moderna. Na concepção do autor, tais valores não passariam de convenções nocivas à liberdade do ser humano, que estaria aprisionado por esses ideais.

Palavras-chave:

Linguagem cinematográfica. Cinema. Linguagem literária. Literatura.

A natureza foi tema contemplado inúmeras vezes no meio artístico e, de século em século, ela ocupou lugar na poe-

sia, na música, no cinema. Um exemplo é a estética árcade dos setecentos que nasceu, como afirma Alfredo Bosi, do encontro da natureza com o homem e seus amores não exteriorizados emocionalmente, mas usando jogos de imitação racionais para com o exterior campestre. Claro que a escola literária conhecida como Arcadismo não se ateu somente a esta noção de mera imitação, utilizando-se do bucolismo para fazer arte sem ideologia alguma, visto que Alfredo Bosi divide seu texto em duas frentes, uma intitulada *Arcádia* e a outra *Ilustração*, na qual ele retrata o momento ideológico de crítica da burguesia como um processo transitório do Arcadismo para o Romantismo. De acordo com Antonio Candido³²,

A poesia pastoral, como *tema*, talvez esteja vinculada ao desenvolvimento da cultura urbana, que, opondo as linhas artificiais da cidade à paisagem natural, transforma o campo num bem perdido, que encarna facilmente os sentimentos de frustração. Os desajustamentos da convivência social se explicam pela perda da vida anterior, e o campo surge como cenário de uma perdida euforia. A sua evocação equilibra idealmente a angústia de viver, associada à vida presente, dando acesso aos mitos retrospectivos da idade de ouro. Em pleno prestígio da existência cidadina os homens sonham com ele à maneira de uma felicidade passada, forjando a convenção da *naturalidade* como forma ideal de relação humana. (CANDIDO, 1959, p. 54)

O mote dos poetas árcades, como mostram os dois críticos literários, buscou um retorno à simplicidade do natural, à harmonia do ambiente pastoril, transformando a natureza como plano de fundo, como cenário racional passível de imitação no que diz respeito a sua serenidade e a seu equilíbrio, ambiente que para os românticos, mais à frente, seria um dos meios de fuga da realidade, assim, como afirma o autor de *Arcádia e Ilustração*,

o bucolismo foi para todos o ameno artifício que permitiu ao poeta fechado na corte abrir janelas para um cenário idílico onde

³² Citado por Alfredo Bosi (1959, vol. 1, p. 54), em seu ensaio "Arcádia e Ilustração".

pudesse cantar, liberto das constrictões da etiqueta, os seus sentimentos de amor e de abandono ao fluxo da existência. (BOSI, 2006, p. 57-58)

Vale ressaltar que as potências europeias viviam sob regimes absolutistas nos setecentos, e as tensões do século seguinte como o início da Revolução Industrial, a Independência dos Estados Unidos, a Revolução Francesa, a Revolução do Porto, entre outros fatores históricos, foram decisivas para as transformações dos séculos XVIII e XIX, implicando na queda dos sistemas de governo tirânicos, numa formação de uma mentalidade nacionalista com a consolidação do pensamento liberal bem como a ascensão da burguesia materialista impulsionando o desenvolvimento do capitalismo e o crescimento das zonas urbanas. Neste ambiente de ideal identitário e conquistas de direitos, a natureza deixou de ser meramente decorativa, como afirma Alfredo Bosi (2006, p. 93), e passa a significar e revelar, deixa de ser imitação e passa a ser expressão da alma do indivíduo.

A partir do século XVIII, o binômio campo-cidade carregava de conotações ideológicas e afetivas que se vão constelando em torno das posições de vários grupos sociais. Antes da Revolução Industrial e da Revolução Francesa, o burguês, ainda sob a tutela da nobreza, via o campo com olhos de quem cobiça o Paraíso proibido idealizando-o como reino da espontaneidade [...] Com o triunfo de ambas as revoluções, a burguesia mais próspera tomará de vez o poder citadino [...]. (BOSI, 2006, p. 58-59)

O Romantismo passa, então, a tratar o tema natureza como uma fuga dessa realidade de tensões sociais, econômicas, culturais e até mesmo tensões do inconsciente do indivíduo. Esta escola literária possui características similares em todos os países, mas em cada nação terá uma vertente típica da sociedade a ser representada. Na Europa, por exemplo, existiu um momento do Romantismo que fora chamado de mal do século, com o *spleen* byroniano sendo modelo a ser seguido pelos poetas, e esta vertente se espalhou em Portugal, no Brasil e de certo modo no lado sombrio de tal estética nos Estados

Unidos, com Edgar Allan Poe, Nathaniel Hawthorne e Herman Melville, por exemplo. Entretanto, tal escola trabalha a questão do escravo, no Brasil, o medievalismo, em Portugal, e uma vertente totalmente distinta chamada transcendentalismo, nos Estados Unidos, que se resume numa filosofia liberal na qual os escritores elevaram o individualismo ao extremo e buscaram na natureza o elemento que contrapunha o rigor formal e a convenção social. A figura da natureza aqui é encarada como elemento espiritual de mediação entre o divino e o terreno, assumindo que a humanidade possui uma bondade inerente no ser e que cada um contempla o melhor de si quando independente. Entre os escritores desta época destacam-se Ralph Waldo Emerson, Henry David Thoreau, Walt Whitman e Emily Dickson.

Visto que a natureza assume papéis diversificados no âmbito das artes, a proposta aqui é fazer uma leitura acerca das ideologias apresentadas por um dos maiores expoentes transcendentalistas norte-americanos, Henry David Thoreau, e na obra cinematográfica *Into the Wild*, dirigido por Sean Penn em 2008, adaptação do livro homônimo de Jon Krakauer, lançado em 1996, cujo título fora traduzido para o português brasileiro como *Na Natureza Selvagem*.

No que concerne à postura ideológica de Henry David Thoreau e a do protagonista do filme *Into the Wild* – Christopher McCandless (interpretado por Emile Hirsch) –, verifica-se que em muito estas se assemelham. Chris é um admirador do escritor, e adepto de seus ideais. No ensaio intitulado "Caminhada"³³, Henry David Thoreau defende a comunhão do

³³ O ensaio de Henry David Thoreau intitulado "Walking" tem suas versões brasileiras "Andar a pé", com tradução de Sarmento de Beires e Joé Duarte, "Caminhando", com tradução de Roberto Muggiati, e "Caminhada", com tradução de Davi Araújo. Esta última foi a versão escolhida para citação no presente artigo, embora o texto original e as demais versões também tenham sido utilizadas como referência para o fomento das ideias.

homem com a natureza. Ele via a caminhada, fazer passeios a pé, como uma forma de arte e à tal prática aplicou-se o nome de “*sauntering*”, mistura de “*sainte-terrer*”, um “santerreiro”, como ele próprio caracterizou dizendo que

Alguns, no entanto, derivariam a palavra de *sans terre*, sem terra ou pátria, o que, portanto, no bom sentido, significará – não ter um lar em particular, mas igualmente estar em casa em toda parte. Pois este é o segredo da bem sucedida santerância. (THOREAU, 2015, p. 1)

Para o autor, só a partir da completa integração com esta que o homem poderia se tornar um indivíduo autônomo. O autor advoga em favor de uma vida desprovida de questões materiais, as quais, segundo ele, acabam por corromper as pessoas. Ele desafia o leitor a abandonar tudo que esteja ligado à rotina das cidades, para caminhar em meio à natureza intocável, em busca de uma “revolução espiritual”. Para tal, o indivíduo deve deixar de lado o trabalho ditado pela rotina diária, a família, a política, entre outros valores tidos como pilares da sociedade moderna. Na concepção do autor, tais valores não passariam de convenções nocivas à liberdade do ser humano, o qual estaria aprisionado por esses ideais.

Henry David Thoreau se mostra um grande conhecedor dos elementos que compõem a natureza como um todo. Sua postura é de um naturalista apaixonado, defensor do meio natural, contrapondo este aos costumes urbanos. Contudo, ao afirmar que o indivíduo só estará pronto para uma caminhada se estiver “pronto para deixar pai e mãe, irmão e irmã, esposa e filho, e amigos, e a nunca mais vê-los – se haveis saldado vossas dívidas, feito vosso testamento, deixado em ordem os negócios e se sois um homem livre” (THOREAU, 2015, p. 2), o próprio autor reconhece a dificuldade de o homem em se desvincular de determinados valores sociais. Em uma sociedade extremamente materialista, já enraizada em um sistema político e econômico, cujo lema é o progresso mediante o acúmulo de capital. As ideias do autor não parecem ser de fácil

aceitação, mas o escritor mostra-se fiel e rigoroso quanto aos seus ideais.

O autor vai além, quando faz referência à queda dos regimes absolutistas dos 3 estados e coloca o andarilho numa posição mais elevada, em comparação ao cavaleiro medieval quando diz que

O espírito cavaleriano e heroico que outrora pertenceu ao Cavaleiro parece residir agora no Andarilho, ou dele partilhar – não o Cavaleiro, mas o Andarilho, Errante. É uma espécie de quarto estado, afora a Igreja, o Estado e o Povo. (THOREAU, 2015, p. 2)

Segundo Ana Godoy, a distinção do autor para seus companheiros transcendentalistas se deu de modo sutil, quando cita o autor respondendo alguns de seus questionamentos levantados acerca dos caminhos trilhados:

"Cada um de vocês cuidará bem disso" (p. 67), declara Thoreau, logo no primeiro parágrafo, alertando-nos quanto ao hábito que adquirimos de procurar reconhecer em qualquer lugar as marcas do já conhecido, do já sabido. / É deste modo que Thoreau distingue-se dos transcendentalistas norte-americanos, seus contemporâneos, mas é sobretudo deste modo que Thoreau distingue seus leitores. Aqueles cuja rebeldia há muito se separou da selvageria e seus percursos, confundindo-se com as trajetórias seguras da política e da moral, e aqueles para quem caminhar é tomar a paisagem como meio a ser explorado, experimentando outros funcionamentos com os elementos dados, uma paisagem que comporta, aquém e além do que é dado, um certo regime de intensidades, não determináveis; paisagens táteis, sonoras, auditivas e visuais que se fazem e desfazem nos percursos inventados na errância. Pois trata-se, como afirma Thoreau no início de Caminhando, de 'dizer uma palavra em favor da natureza, da liberdade e da selvageria; uma palavra que não se reduza às acusações e queixas de uma época, aos lamentos chorosos dos impotentes para quem o "mundo termina aqui, no leste implacável no qual vivem de compreender a história e refazer os passos da raça' (p. 84); uma palavra que exprima o furor, a selvageria, que nenhuma civilização poderia suportar, uma palavra que somente aqueles que se lançam à errância não cessam de inventar. (GO-DOY, 2016, p. 307-308)

Ele não tinha a intenção de convencer multidões, o que de certa forma iria contra seus próprios princípios, uma vez que os movimentos de massas implicam sempre uma liderança. O individualismo de Henry David Thoreau não parece significar uma postura egoísta, antes o defende como forma de se libertar de imposições muitas vezes autoritárias e preconceituosas da sociedade. Para ele, o homem deveria guiar-se pela sua própria consciência, logo não haveria a necessidade de alguém decidir coisa alguma em seu nome. Em seu ensaio, o autor declara fascínio pelo Oeste, deslumbrando uma terra ainda pouco explorada, onde o homem poderia viver em meio a uma paisagem natural, o que pode ser visto quando ele diz: “Para mim o futuro fica naquela direção, e a terra parece menos explorada e mais rica daquele lado. [...] Para leste só vou forçado, mas para oeste vou de boa vontade”. (THOREAU, 2015, p. 15)

Quanto ao filme, observa-se que o protagonista possui uma concepção de homem em muito parecida com do autor de "Caminhada". Chris se mostra contrário a vários valores sociais. Oriundo de uma família problemática, marcada pelo autoritarismo de seu pai, o herói decide abandonar tudo em nome de seu ideal. Este abre mão de quase tudo que esteja ligado a questões materiais, acreditando ser a única maneira de se constituir como indivíduo livre. *Into the Wild* evidencia a questão do desaparego ao passo que o personagem rejeita o carro que o pai lhe daria e também em outro momento queima os próprios documentos de identificação pessoal – cena gravada juntamente com uma trilha sonora, que relatava em um de seus versos “*I am the better man*”; ainda assim abre mão até do próprio nome, autodenominando-se como *Alexander Supertramp* (Alexandre “Superandarilho”). Tal como Henry David Thoreau, a personagem acredita na convivência harmoniosa com a natureza como meio de autoafirmação do ser humano. Esta noção de desaparego às convenções sociais fica evidente quando o autor escreve:

Temos um selvagem intrépido em nós, e um nove selvagem está, por certo, registrado algures como nosso. Observo que o meu vizinho, que ostenta o familiar epíteto William ou Edwin, despe-se dele com a jaqueta. O nome não lhe adere quando adormecido ou irritado, ou quando exaltado por uma paixão ou inspiração. Parece-me ouvir seu nome selvagem original pronunciado por algum parente seu, uma vez ou outra, em algum jargão ou idioma melodioso. / E aqui está esta nossa imensa, selvagem mãe a pairar – a natureza – onipresente, com tal beleza e tal afeto pelos filhos como o leopardo; e, todavia, dela nos desmamamos tão cedo para a sociedade, para essa cultura que consiste exclusivamente no entrosamento de homem a homem – uma espécie de criação recíproca, de que resulta, no máximo, uma simples nobreza inglesa, uma civilização destinada a ter um limite de velocidade. (THOREAU, 2015, p. 35)

Chris alimenta o desejo de se isolar da sociedade e refugiar-se em um ambiente selvagem, no caso o Alasca, o que possibilitaria, segundo ele, retirar o “falso ser interior” construído pelo convencionalismo social. Durante sua jornada, o protagonista constrói alguns laços afetivos, os quais procura romper logo em seguida para seguir sua jornada individual. É interessante notar que, mesmo procurando livrar-se das coisas materiais, Chris depende delas. Para chegar ao seu destino, ele precisa trabalhar para conseguir dinheiro, pois necessita do básico para concretizar seus objetivos, o que mostra a impossibilidade de libertar-se completamente de determinados valores da sociedade.

Chegando ao Alasca, Chris passa a viver como um selvagem, caçando seu próprio alimento e alheio a quase tudo que possa remeter ao universo urbano. Passado algum tempo, a personagem já se vê diante de problemas como a própria fome, uma vez que não obteve êxito em conseguir alimento. Pode-se verificar que Chris não se adequa ao ambiente hostil em que se encontra. O desfecho do filme frustra as perspectivas da personagem, já que a natureza, tão desejada por Chris, acaba de certa forma matando-o, sendo que ele próprio afirma em seu diário que fora literalmente aprisionado pela natureza.

Com isso, o filme parece negar a possibilidade de um indivíduo, inserido em um ambiente social urbanizado, cujos valores há muito estão consolidados, desvincular-se destes, para viver em estado natural. Assim, Carvalho procurou expor esta ideia do lado obscuro e feio da natureza selvagem:

A ideia de civilidade e cultura era então construída como o polo oposto da esfera associada à natureza, ao selvagem, à barbárie, à desrazão e à ignorância. A civilização estava relacionada a valores ilustrados como cultivo, polimento, aperfeiçoamento, progresso, razão. E esse era um processo que se aplicava tanto aos costumes sociais quanto ao próprio cultivo de uma subjetividade individual. Como afirma Elias (1990, p. 82), "O que estava em questão, era a domesticação da animalidade. A natureza das funções corporais, era preciso construir um mundo onde se vivesse como se isso não existisse". / Esse movimento de recalque da natureza possui tanto uma face social quanto subjetiva. Seja na sua face objetiva de ambiente natural, seja na sua dimensão intrapessoal associada à esfera instintual e biológica do humano, é contra o natural que se afirmam a sociedade e a subjetividade modernas. É neste contexto que a cultura ilustrada se ergue como uma parede invisível a demarcar um território humano civilizado contra a natureza selvagem. É nesse momento que se constrói historicamente a representação da natureza como lugar da rusticidade, do incultivado, do selvagem, do obscuro e do feio. (CARVALHO, 2009, p. 139)

Outro ponto frustrante está na concepção de individualismo de Chris. Antes de morrer ele descobre que a felicidade não estava no isolamento social. Relembra as amizades, a família e percebe que se enganara ao deixá-los. Ao escrever em seu diário que "a felicidade só é verdadeira quando compartilhada", o protagonista parece descobrir que o "falso ser interior" que ele tanto tentou arrancar de si, não era tão falso quanto imaginava quando diz "*Já estou pronto para pousar*". Destruir uma identidade construída pela interação social implica, paradoxalmente, na perda da própria identidade do ser, uma vez que esta é forjada pelo meio cujo indivíduo se encontra inserido.

Nesta comparação entre o filme *Into the Wild* e o ensaio "Caminhada", percebe-se que o primeiro apresenta um desfecho divergente do texto de Henry David Thoreau. Embora a postura ideológica de Chris se assemelhe muito a do escritor, o filme nega a possibilidade plena de interação homem/natureza, visto que isso não ocorre com sucesso no filme de Sean Penn. O afastamento do meio social para se realizar espiritualmente, de certa forma é também invalidado, pois o próprio personagem reconhece a necessidade de compartilhar suas emoções. Com isso, pode-se inferir que, segundo o filme, o "eu" só parece existir se houver o "outro". Sozinho, Chris perde toda a referência e consequentemente parece perder sua própria identidade.

Dessa forma, o filme se encerra com uma visão oposta à do ensaio de Henry David Thoreau, negando a possibilidade de uma convivência harmônica do homem com a natureza selvagem. Marca também a impossibilidade deste se auto afirmar mediante o isolamento social, pois desvincular-se dos valores da sociedade moderna parece um tanto impossível.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. Arcádia e ilustração. In: CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo, Martins, 1959, vol. 1, p. 54.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Paisagem, historicidade e ambiente: as várias naturezas da natureza. *Confluenze. Rivista di Studi Iberoamericani*, [S.l.], vol. 1, n. 1, p. 136-157, 2009. Disponível em:

<<https://confluenze.unibo.it/article/view/1420>>. Acesso em: 01-04-2017.

GODOY, Ana. Thoreau, um andarilho. *Verve, Revista do Núcleo de Sociabilidade Libertária*, PUC-SP, vol. 9, 2016. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br//index.php/verve/article/view/5165>>.

Acesso em: 06-03-2017.

INTO the Wild. Direção e produção de Sean Penn. 148 min. River Road Entertainment: Los Angeles, 2007. Disponível em:

<www.netflix.com>. Acesso em: 20-03-2017.

THOREAU, Henry David. Caminhada. Tradução e notas: Davi Araújo. Barueri: Dracaena, 2015. [E-book].

_____. *Walking*. Thoreau Reader. EServer, Iowa State University, Ames, Iowa, 2009-2016. Disponível em:

<<http://thoreau.eserver.org/walking.html>>. Acesso em: 02-04-2017.